



A ESCADARIA DO BIXIGA: HISTÓRIA, USOS E SIGNIFICAÇÕES (CIDADE, HISTÓRIA E CULTURA EM DISPUTA)

Camila Magalhães Souto Maior

Universidade de São Paulo | camilamsmaior@gmail.com

Sessão Temática 09: cidade, história e cultura em disputa

Resumo: Este artigo consiste em um estudo histórico da Escadaria do Bixiga, com o objetivo principal de analisar sua trajetória como espaço público na cidade. O foco é discutir a história da Escadaria desde sua construção até os dias atuais, buscando compreender as relações sociais ali representadas e como essas relações se transformaram ao longo do tempo, refletindo nos usos e significados desse espaço. A investigação teve por metodologia o levantamento documental em acervos, levantamento iconográfico e a pesquisa em jornais que retratam as transformações do objeto em estudo, além de análises formuladas a partir de sobreposições de mapas, com vistas a ligar, as alterações sofridas pela Escadaria, as transformações na região e na cidade de São Paulo como um todo, considerando, também, o exame das bibliografias específicas que relatam a história e recuperam a memória social, cultural e econômica do bairro.

Palavras-chave: Escadaria do Bixiga; Bixiga; História urbana; Patrimônio; Espaço público.

THE BIXIGA STAIRCASE: HISTORY, USES AND MEANINGS

Abstract: *This article consists of a historical study of the Escadaria do Bixiga, with the main objective of analyzing its trajectory as a public space in the city. The focus is to discuss the history of the Staircase from its construction until today, seeking to understand the social relations represented there and how these relationships have changed over time, reflecting on the uses and meanings of this space. The research methodology was the documentary survey in collections, iconographic survey and research in newspapers that portray the transformations of the object under study, as well as analyses formulated from overlays of maps, in order to connect the changes suffered by the Escadaria, the transformations in the region and in the city of São Paulo as a whole, also considering the examination of specific bibliographies that report the history and recover the social, cultural and economic memory of the neighborhood.*

Keywords: *Bixiga; Staircase; Bixiga; Urban history; Heritage; Public space.*

LA ESCALERA DEL BIXIGA: HISTORIA, USOS Y SIGNIFICADOS

Resumen: *Este artículo consiste en un estudio histórico de la Escalera del Bixiga, con el objetivo principal de analizar su trayectoria como espacio público en la ciudad. El enfoque es discutir la historia de la Escalera desde su construcción hasta nuestros días, tratando de comprender las relaciones sociales representadas allí y cómo estas relaciones se han transformado a lo largo del tiempo, reflejando los usos y significados de este espacio. La investigación tuvo como metodología el levantamiento documental en acervos, levantamiento iconográfico y la búsqueda en periódicos que retratan las transformaciones del objeto de estudio, además de análisis formulados a partir de superposiciones de mapas, con el fin de conectar, los cambios sufridos por la Escalera, las transformaciones en la región y en la ciudad de São Paulo como un todo, considerando también el examen de las bibliografías específicas que relatan la historia y recuperan la memoria social, cultural y económica del barrio.*

Palabras clave: *Escalera del Bixiga; Bixiga; Historia urbana; Herencia; Espacio público.*

INTRODUÇÃO

A Escadaria do Bixiga, localizada entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio, representa um fragmento do território do Bixiga e pode refletir a multiplicidade identificada na região. Considerando a importância desse equipamento no tecido urbano do Bixiga, suas relações com o território ao longo do tempo revelam dinâmicas de ocupação e apropriação diversas. A análise dessas questões revela as particularidades da Escadaria e sua capacidade de acolher diferentes usos por diversos grupos, configurando-se como um elemento urbano cotidiano. Assim como ruas e praças, trata-se de um espaço de encontros e também de confrontos.

Diversos agentes históricos e contemporâneos desempenharam papéis significativos na construção da identidade desse espaço.

Para compreender as múltiplas dimensões desse local público, foi realizado, inicialmente, um breve panorama histórico do processo de ocupação do Bixiga e do Morro dos Ingleses, situando o contexto em que se insere o objeto de estudo. Em seguida, foram exploradas as especificidades dos projetos propostos para a Escadaria e as potencialidades que sua arquitetura oferece ao espaço.

Considerando que os usos da Escadaria estão mais vinculados ao envolvimento das pessoas do que à arquitetura em si, buscou-se compreender os agentes que atuaram nesse espaço ao longo do tempo e como as transformações urbanas e discursivas influenciaram as mudanças em sua apropriação.

A Escadaria do Bixiga é um exemplo interessante de como um único elemento do patrimônio pode ter múltiplos usos e significados. Por um lado, a Escadaria é um monumento arquitetônico, uma peça visualmente atrativa, um objeto de consumo visual, apreciado principalmente por sua estética. Por outro lado, serve como espaço público que pode ser apropriado pelos moradores e utilizado como parte integrante de suas atividades diárias e de manifestações, além de desempenhar um papel prático no cotidiano dos habitantes do bairro.

A CONSTRUÇÃO DA ESCADARIA E A OCUPAÇÃO DE SEU TERRITÓRIO

O território conhecido como Bixiga é situado entre o espigão da Avenida Paulista e o centro antigo da cidade de São Paulo. Bexiga é o nome original designado ao primeiro loteamento da região, delimitado pelas barreiras naturais do terreno, impostos pelos córregos Saracura e Bexiga e pelo espigão da Paulista, na época, Morro do Caguassú. O nome do loteamento inicial do bairro é grafado como *Bexiga*. Devido a apropriações linguísticas da população, o território atualmente é comumente grafado como *Bixiga*. O bairro se conforma em uma área baixa e mais plana delimitada por declividades acentuadas.

Ao loteamento inicial do Bexiga foram acrescentados outros empreendimentos como o Morro dos Ingleses e o Saracura, arruados em 1914. É esse conjunto que compõe o atual bairro da Bela Vista. A escadaria do Saracura e a Escadaria do Bixiga que viriam a ser construídos posteriormente foram dois elementos conectores desses espaços urbanos.

Os aspectos físicos dessa região com topografia acentuada marcada pela presença de vales, colocaram condições determinantes para se ocupar o bairro. A topografia irregular e os vales criavam um terreno com condições ruins de salubridade, sujeita a enchentes e inundações e também dificultavam o acesso ao restante da cidade. Essas dificuldades desvalorizaram os terrenos, permitindo investimentos mais baratos destinados a uma camada pobre da população (Schneck, 2010, p.12).

No início da ocupação do Bexiga, os lotes eram estreitos e compridos, com edificações construídas no alinhamento e em alguns casos com “salas de negócios” adicionados a essas edificações (Schneck, 2010, p.147). Por exemplo, a rua 13 de Maio contou com lotes estreitos e profundos, possibilitando um maior número de terrenos e custos de implantação mais baixos. Isso viabilizou a venda de terrenos mais econômicos, ao mesmo tempo em que permitia que famílias com maior poder aquisitivo adquirissem vários lotes, formando uma propriedade de maiores dimensões. Dessa forma, o loteamento contribuiu para uma diversidade social na região.

Foram os imigrantes italianos predominantemente do sul da Itália e os negros recém libertos que se instalaram nessa região. Os imigrantes italianos tinham perfil social diversificado e a partir de 1905 se consolidam como os principais proprietários do bairro do Bixiga (Schneck, 2010, p.137). Esses imigrantes desenvolviam, em espaços que associavam moradia e trabalho, um conjunto diversificado de práticas artesanais (Lanna, 2017, p.118).

A área do Rio Saracura e Santo Amaro, estendendo-se até o espigão da Avenida Paulista (Alto do Caaguaçu), era ocupada por vastas plantações que contavam com um grande contingente negro (Alexandre, 2017, p.79). Apesar de os negros já estarem na região desde antes da chegada dos italianos, desenvolveu-se um processo de uma exclusão dessa população, a qual acabou se concentrando na região do Saracura, formando ali um quilombo urbano. Na região, houve um silenciamento da presença da população “por meio da valorização da recém-chegada cultura italiana, como forma de desviar o foco da presença afrodescendente” (D’Elboux; Moura, 2020, p.87).

Enquanto nas áreas mais baixas da região, nos loteamentos do Bexiga e Saracura, os cortiços multiplicavam-se, nas áreas altas, como é o caso do Morro dos Ingleses, com boa localização e melhores condições de salubridade, foram construídas casas para as camadas altas da sociedade. Nessas áreas a implantação de infraestruturas e de equipamentos urbanos era priorizada (Schneck, 2019, p.87). Enquanto a rua 13 de Maio, no Bexiga, devido aos muitos cortiços e a quantidade de famílias de ex-escravizados nessa rua lhe deram o nome. Antes chamada de rua Celeste passou a ser rua 13 de Maio em homenagem às festas realizadas na rua pelos ex-escravizados celebrando a data da lei áurea (Castro, 2006, p.60).

Assim, o Morro dos Ingleses faz um contraponto com o Bexiga, sendo a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio as ruas limítrofes de cada um desses loteamentos, respectivamente. As ruas do Bexiga apresentavam lotes com diversidade de usos, de habitação, comércio e serviços. A rua 13 de Maio, especificamente, possuía uma concentração de tipologia de casas simples,

muitas vezes com casas de usos mistos, e também com cortiços. Enquanto no Morro dos Ingleses visavam a construção de um loteamento com usos especializados. As dimensões dos lotes e a implantação das edificações também é característica que diferencia os dois loteamentos. O Morro dos Ingleses contou com lotes de grandes dimensões comparados aos do Bexiga, e a implantação contou com recuos frontais, laterais e traseiros (Schneck, 2019).

Apesar da proposta para o Morro como bairro com usos especializados, não foi dessa forma que a ocupação aconteceu, pois a sua ocupação se diferenciou em cada rua. A rua dos Ingleses teve uma ocupação social distinta com a presença de imigrantes, especialmente, de origem italiana e de classe média e com usos não só habitacionais, contando com alguns comércios e serviços. Em contrapartida, a rua dos Franceses foi ocupada pela população de alta renda e contou com a concentração de edificações luxuosas. Mesmo assim, “a área que concentrou especialmente os interesses públicos e privados no bairro envolve a extensão da Rua dos Ingleses” (Schneck, 2019, p.58). Esse interesse volta-se especialmente pela vista do Bexiga e de outras áreas da cidade possibilitada naquela região do Morro.

Enquanto a vista panorâmica a partir da rua dos Ingleses permitia a visão do bairro planejado e aprovado pelo poder público, a rua dos Franceses voltava-se para a região do Saracura, sem planejamentos e infraestruturas e habitada especialmente pela população negra. De acordo com Sheila Schneck, foi essa contraposição das vistas das ruas que favoreceu que fosse projetado um largo alargado na rua dos Ingleses que delimita-se uma área de mirante. Esse alargamento foi executado na continuidade da rua Fortaleza no Bexiga, e na área de declive entre o Mirante e a rua 13 de Maio foi projetada uma escadaria, que foi se efetivar apenas em 1929.

O arruamento do Morro apresentou um projeto que indicava a construção de escada na rua Fortaleza junto ao alargamento do largo na mesma rua, que não foi realizada. Desde então, outras propostas de projeto para a Escadaria foram realizadas, até se chegar à construção da escadaria como ela é hoje. A área do alargamento e o terreno vazio para a conexão se tornaram alvos de interesses.

Antes de a prefeitura entrar com o pedido para a construção da escada, em 1927, já haviam sido feitos pedidos para a ligação do bairro e também propostas de uso para o largo do mirante na rua dos Ingleses. As proposições se localizavam no mesmo terreno em que havia a primeira indicação de Escadaria para o Morro nas proposições do arruamento. O terreno seguia a continuidade da rua fortaleza, a conectando diretamente ao mirante. A partir do jornal Correio Paulistano foi possível encontrar pedidos para a execução de projetos no largo e na continuidade da rua Fortaleza:

Acompanhado de plantas e demais detalhes, recebemos o projecto apresentado à Prefeitura de s. Paulo, para a construcção de um estabelecimento com torre giratória [...] Esse edificio deveria ficar situado no Morro do Ingleses, no prolongamento do eixo construído da rua Fortaleza, tendo entrada pela rua 13 de Maio, por meio de uma grande Escadaria até o nível da

praça projectada pela Câmara Municipal de s. Paulo, e da rua E. que será continuada até a mesma praça (Torre Giratória, 1917, ed. 00362).

O lote em questão era de domínio público, pois havia sido doado para a prefeitura anteriormente. Tal projeto não foi realizado porque, como recuperado por Schneck, não foi visto como proveitosa a intervenção nessa área para os moradores e para município. Foi considerado que “os atrativos do lugar já estavam dados, visto como o panorama já existe(...) não sendo a construção pretendida que o vai criar” (Schneck, 2019, p.61).

Os projetos propostos visavam aproveitar a vista da região. Para a manutenção da vista do mirante, algumas condicionantes nas construções do Morro foram fixadas; condições estas que o projeto da Escadaria também teve que seguir.

As condições impostas incluíam: o comprometimento dos proprietários em deixar um recuo de 15 metros a partir do alinhamento no Morro dos Ingleses na rua dos Ingleses:

Os proprietários comprometem-se mais a deixar uma zona de 15 metros sem ser edificada, ao longo da rua E na frente correspondente ao fundo da rua 13 de Maio, para impedir que construções ahi feitas, possam esconder o panorama da Cidade (São Paulo, 1911).

E, também, que a altura máxima das construções entre a rua 13 de Maio e a rua dos Ingleses não poderia ultrapassar a altura do mirante. De acordo com a Lei n. 2.432, de 13 de setembro de 1921. Conforme o Artigo I da Lei:

Nenhum edifício ou parte de edifício, que, doravante venha a ser construído com frente para a rua dos Ingleses, lado par, no trecho compreendido entre as ruas dos Belgas e dos Franceses, ou com a frente para a rua 13 de Maio, lado ímpar, entre o prolongamento ideal da rua dos Belgas e a rua Conselheiro Carrão, poderá ter qualquer ponto de sua construção em nível superior ao piso do mirante construído na rua dos Ingleses (São Paulo, 1921).

A Escadaria do Bixiga seria, assim, construída em 1929, conectando o Morro dos Ingleses ao Bexiga. A construção da Escadaria permitiu essa ligação direta entre as diferentes classes sociais e culturais do alto e baixo do Morro. Como pode ser visto na pesquisa de Schneck a região do Bexiga abastecia com seus serviços e comércios os bairros mais ricos das proximidades. Beth Beli aborda também a relação social que existia ali, em que a população que morava na parte baixa do Morro subia a Escadaria para ir trabalhar nos casarões das áreas altas (Ilú Obá de Min, 2021).

Foi possível observar nos projetos da Escadaria a relação das proposições com o Morro dos Ingleses, especialmente, com a vontade de completar o desenho do mirante, enquanto as ruas 13 de Maio e Fortaleza não eram destacadas.

OS PROJETOS

O terreno em que viria a ser construída a Escadaria apresentava, para além do mirante que já colocava alguns condicionantes para sua construção, uma edificação em sua lateral, o cortiço Navio Negroiro, como pode ser observado na figura 1. Assim, as proposições se limitavam a

definir a forma como seria executada a continuidade vertical da rua fortaleza, partindo da rua 13 de Maio e chegando no mirante, e qual seria a relação dessa conexão com o terreno lateral que ainda não tinha construções.

Figura 1: Sara Brasil, 1930



Nota: 1: o mirante construído no alargamento da rua fortaleza; 2: o Navio Negreiro; 3: o terreno vazio na lateral.
Fonte: SARA Brasil. Mapa da Cidade de São Paulo, 1930. Destaques elaborados pela autora.

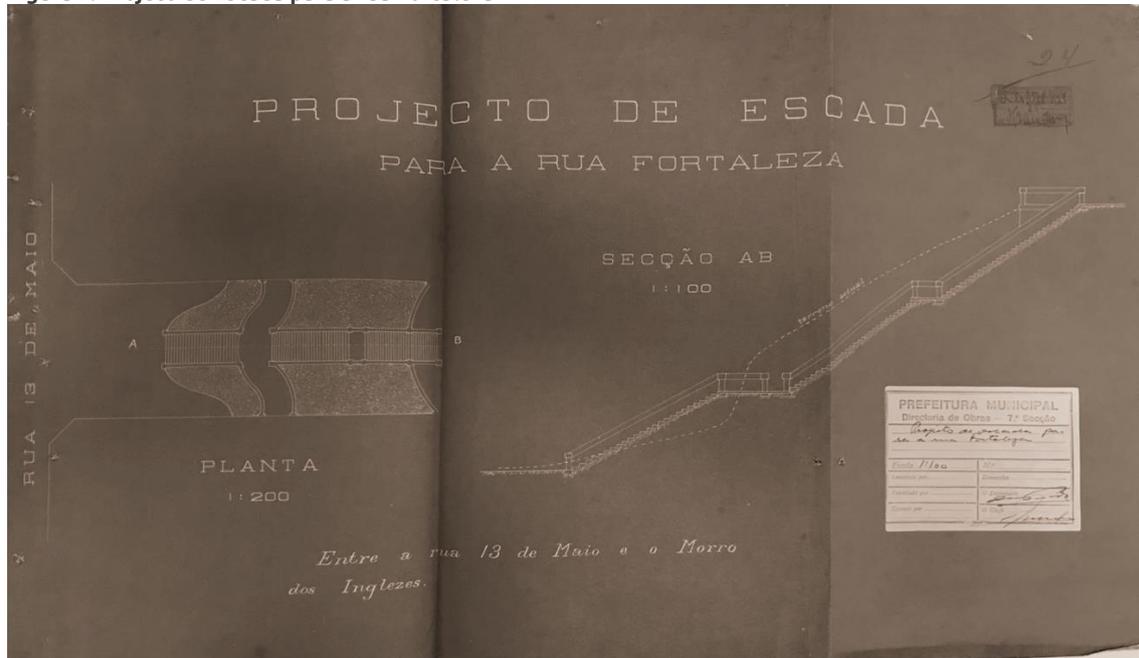
Foram encontrados no Acervo Histórico Municipal de São Paulo dois projetos para a Escadaria, um de 1927 e outro de 1928. Não foram esses projetos os construídos em 1929 e não foi encontrado o projeto que, de fato, serviu de base para a construção.

O primeiro projeto para a escada na rua Fortaleza encontrado no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo, aprovado pela Diretoria de Obras, foi realizado em 1927. Neste projeto constava uma escada seguindo os condicionantes de construção na área sem se preocupar com embelezamentos. O projeto de 1927 propunha criar a Escadaria como uma conexão entre a rua dos Ingleses e a 13 de Maio seguindo a legislação do alinhamento no Morro, para além de levar em consideração que existiria a possibilidade de construção de uma edificação no lote vazio ao lado da Escadaria proposta, a qual seria acessada pelo patamar da escada (Figura 2). Como destacado no partido do projeto realizado pelo engenheiro Lysandro P. Silva:

[...] Em virtude de algumas circunstâncias determinantes, fui obrigado a restringir-me à simplicidade máxima que caracteriza o presente projeto: uma destas circunstâncias é o aproveitamento da frente da rua Fortaleza para um lote construtível além do situado na esquina da rua 13 de Maio, lote aquele que será servido pelo primeiro patamar da escadaria. Em segundo lugar, o recuo de 15 metros ao alinhamento do Morro dos Ingleses, ainda com a limitação de altura máxima à do mirante já existente, obriga a situação especial deste primeiro patamar. Evitei ainda lançar a escada próximo dos alinhamentos da rua para não defasar excessivamente as construções existentes [...] (São Paulo, 1927).

Esse projeto não foi executado, sendo substituído por uma proposta de melhoramento do Morro dos Ingleses que visava complementar o projeto da escada em questão.

Figura 2: Projeto de Escada para a rua Fortaleza

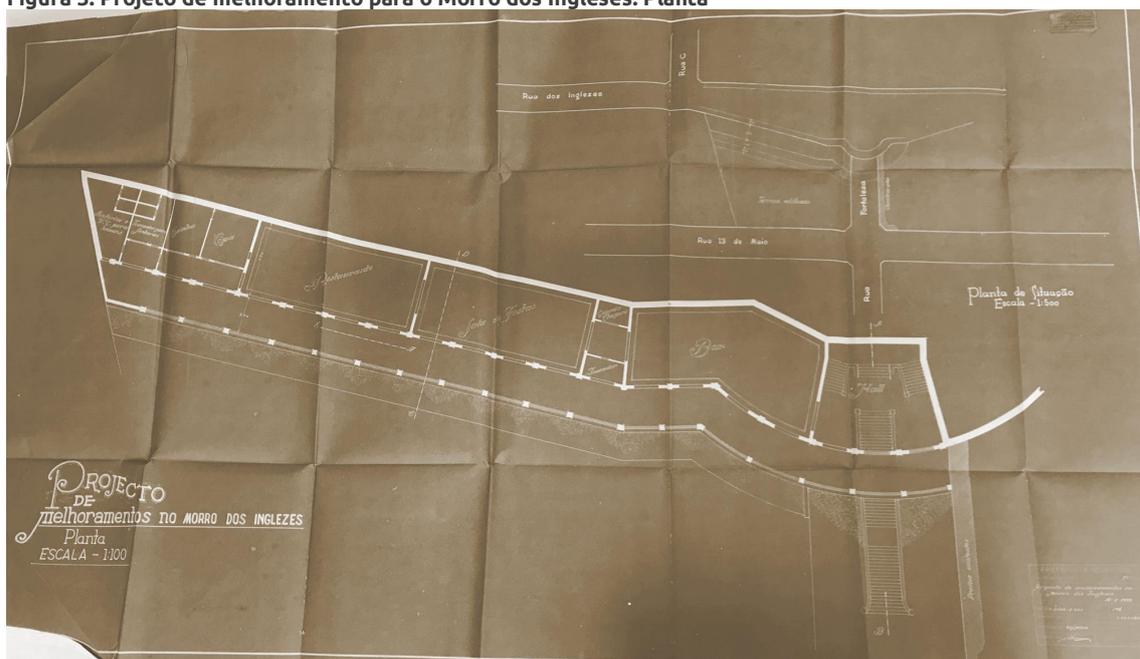


Fonte: São Paulo (SP), 1927.

O projeto de Melhoramento do Morro foi desenhado em 1928 e consta com suas plantas e orçamentos aprovados no acervo Histórico Municipal de São Paulo. Mesmo com o projeto aprovado, as imagens do ano de inauguração da Escadaria mostram que não foi esse o construído. O projeto de 1928 constava com alterações no desenho proposto em 1927 da Escadaria, além de uma complementação de melhoramentos para além da escada (Figuras 3, 4 e 5).

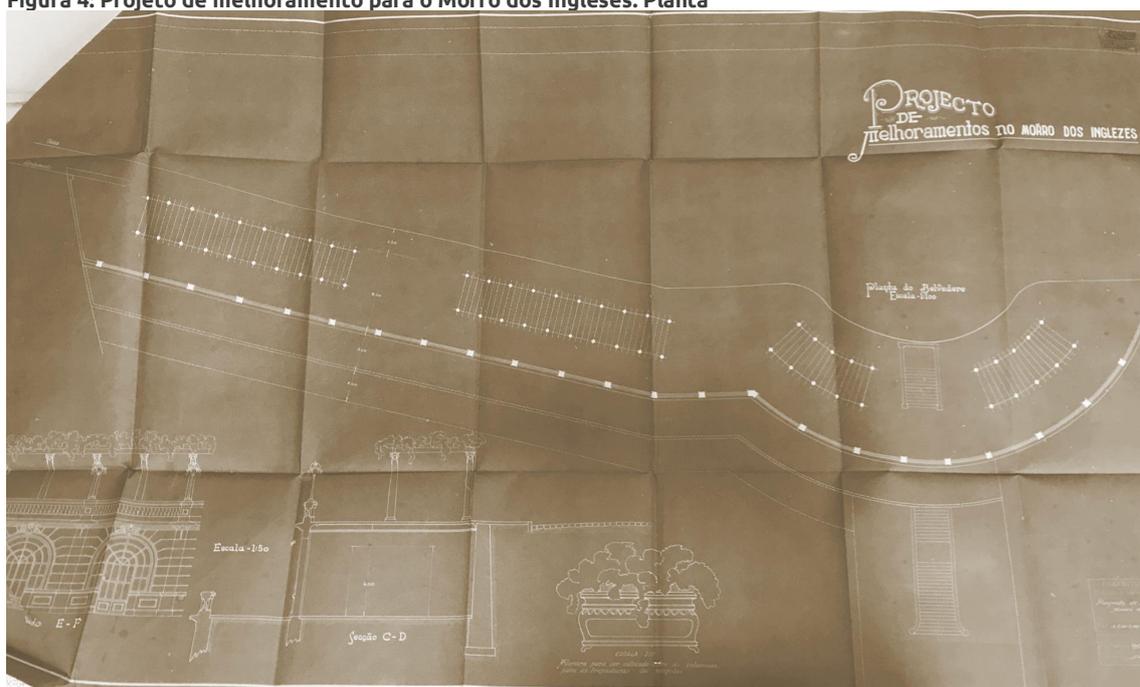
No projeto da escada, dividida em três níveis, foi acrescentado um hall que daria acesso aos novos usos propostos no projeto. Os melhoramentos buscavam ocupar uma faixa de 15 metros de largura ao longo do alinhamento da rua dos Ingleses, na qual seria construído um belvedere com pergolados como espaços de permanência e em um nível abaixo, no patamar da escada, seriam construídos restaurante, bar e salão de festas, assim como espaços de serviço para esses usos. Constava também uma sequência de balaústres delimitando o mirante e os espaços de permanência e com luminárias em diferentes pontos da Escadaria e do mirante. Na descrição do projeto para pedido de aprovação dos melhoramentos foi colocado que o objetivo era construir o espaço mais bonito de São Paulo, junto a vista mais bonita da cidade.

Figura 3: Projeto de melhoramento para o Morro dos Ingleses. Planta



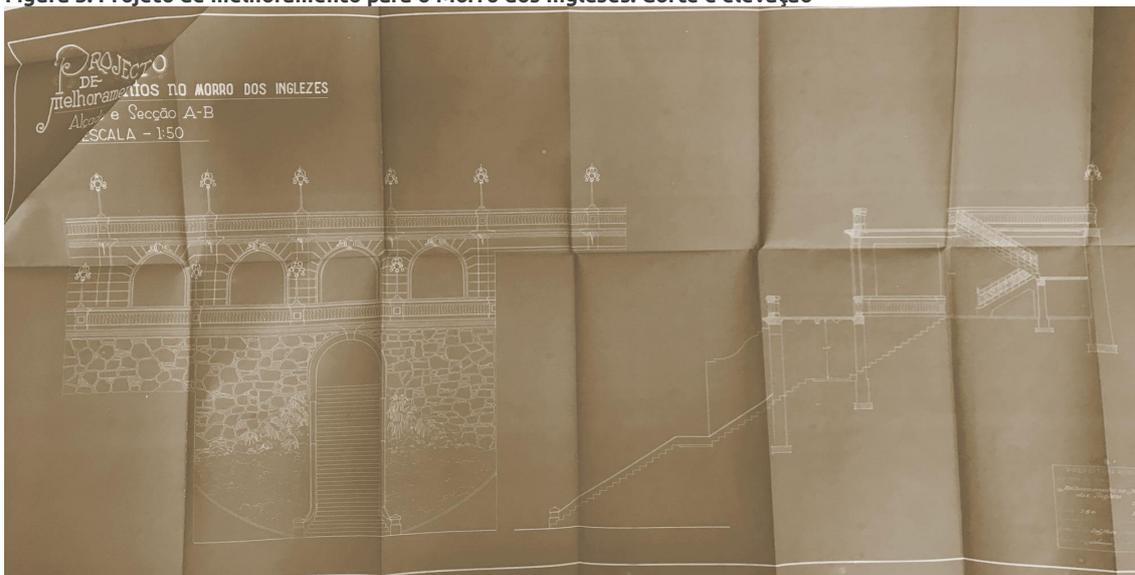
Fonte: São Paulo (SP), 1928.

Figura 4: Projeto de melhoramento para o Morro dos Ingleses. Planta



Fonte: São Paulo (SP), 1928.

Figura 5: Projeto de melhoramento para o Morro dos Ingleses. Corte e elevação



Fonte: São Paulo (SP), 1928.

A área em que foram propostos os melhoramentos constava com diferentes proprietários, os quais, seguindo os condicionantes estabelecidos em 1911, já não poderiam construir na faixa de 15 metros em que foi realizado o projeto e, assim, a prefeitura e a diretoria de obras ficaram de entrar em acordo com esses proprietários para que a obra pudesse ser realizada. Informação destacada no processo dos melhoramentos:

A execução dos serviços depende de entendimento da Prefeitura com os diversos proprietários do local afim de se poder ocupar uma faixa de 15 metros de largura, ao longo do alinhamento da Rua dos Ingleses; impostas pelas leis vigentes do local (São Paulo, 1928).

O projeto não foi realizado e infelizmente não foram encontradas as informações necessárias para entender o porquê.

Em 1929 é inaugurada a Escadaria, tendo sido executado apenas o projeto da escada, sem os melhoramentos propostos no entorno. O projeto da escada construída contou com várias alterações. O hall em um dos patamares da Escadaria foi mantido, mas sem dar acesso a nenhum outro espaço. Foram mantidos também os balaústres nos corrimãos do hall e no alinhamento da rua. A construção final manteve a ideia da Escadaria como embelezamento e de complementação do mirante.

A Escadaria apresenta um recuo significativo em relação à rua 13 de Maio, com uma distância de mais de 10 metros. Essa área, que poderia ter sido aproveitada como uma pequena praça, por exemplo, não recebeu um projeto que explorasse seu potencial e não foram propostos usos para o espaço. Vale ressaltar que a calçada acompanhava o recuo, mantendo a mesma dimensão ao longo de toda a extensão da rua 13 de Maio, o que resultou em um desenho em forma de U nesse espaço (Figura 6). Posteriormente, essa configuração será modificada ao nivelar a área do recuo com a calçada, criando um largo (Figura 7).

Esse largo é um dos espaços mais utilizados para a apropriação nos dias atuais, abrigando apresentações musicais, performances teatrais, feiras e outras manifestações.

Figura 6: Escadaria no ano de sua construção, 1929.



Nota: Destacado o desenho da calçada e a pavimentação em paralelepípedo da rua fortaleza, continuada até a Escadaria

Fonte: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2, 1990. Destaque da autora.

Figura 7: Escadaria por volta de 1980



Nota: É possível observar o recuo com paralelepípedo.

Fonte: Processo Administrativo n. 1990-0.004.514-2, 1990.

Os taludes laterais proporcionam áreas verdes onde as pessoas podem se sentar, conversar e socializar (Figura 8). Essas características possibilitam a interação social e permitem enquadrar a Escadaria como um espaço de encontro no bairro, que atrai tanto moradores locais quanto visitantes.

Figura 8: Jazz na Escadaria, 2023.



Fonte: Fotografia da autora.

A arquitetura da Escadaria, com seus elementos distintivos, contribui, também, para a identidade visual do local. A beleza e a singularidade do projeto arquitetônico se tornaram marcantes na imagem do bairro, atraindo a atenção de visitantes. A estética da Escadaria torna passível de ser apropriada como espaço turístico.

No entanto, é importante ressaltar que as possibilidades de apropriação da Escadaria não são apenas determinadas pela arquitetura em si, mas também pela participação e envolvimento da comunidade local. O uso e a dinâmica do espaço são moldados pela interação das pessoas e suas práticas sociais ao longo do tempo. As representações da Escadaria estão intrínsecas às práticas e usos sociais que nela se inserem. Portanto, as possibilidades de apropriação se alteram de acordo com as transformações sociais e espaciais do bairro. Pensar o patrimônio a partir dessa cotidianidade permite entender que ele está em contínua transformação de seus valores, relacionados diretamente aos grupos e sujeitos sociais que dele se apropriam.

AS TRANSFORMAÇÕES NO MORRO DOS INGLESSES E NA RUA 13 DE MAIO

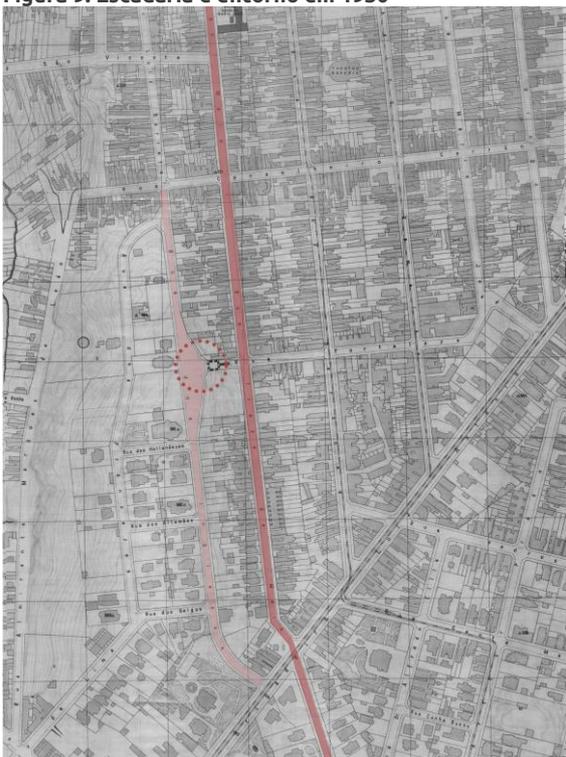
A construção da Escadaria possibilitou a conexão física entre os dois loteamentos distintos. O declive que separava a rua 13 de Maio da rua Fortaleza, que antes servia, de certa forma, como barreira é vencido pelo elemento da Escadaria e, assim, aproxima esses dois mundos: “de um lado, o aristocrático Morro dos Ingleses, e, de outro, o popular bairro do Bixiga” (Schneck, 2019, p.87). A escada é um importante elemento de conexão para pedestres entre essas duas regiões.

O Bixiga e o Morro dos Ingleses continuaram a ser construídos e modificados ao longo do tempo. Analisando as transformações tendo como marco temporal e espacial a construção da Escadaria foi possível observar como o entorno desse elemento urbano se modifica, e como essas modificações refletem também nas dinâmicas presentes naquele espaço. As transformações serão observadas, primeiramente, de maneira mais pontual em novas construções nas proximidades da Escadaria, que possibilitaram novas relações no espaço urbano. Concomitantemente a essas construções observa-se mudanças na cidade como um todo que incidem também na região, como a verticalização da cidade, e a ampliação do sistema viário de São Paulo, que no caso do Bixiga resultou no alargamento de ruas e na construção de viadutos.

As novas relações construídas entre a rua dos Ingleses e a rua 13 de Maio puderam ser intensificadas devido a conexão da Escadaria; a ligação direta favoreceu que as duas ruas se tornassem em um pólo de interesse em conjunto, pólo que foi criado a partir das transformações espaciais desses espaços ao longo do tempo junto com as transformações das características da área, de forma geral, criada a partir de uma narrativa do Bixiga italiano.

Por meio dos mapas destacados é possível observar, a partir da década de 1950, uma rápida mudança no entorno da Escadaria, até 1980 (Figuras 9, 10 e 11). Em 1980, apesar das mudanças ainda estarem acontecendo, elas são reduzidas, contidas que foram pelos movimentos de preservação do bairro. Os mapas permitem também observar a espacialização dessas transformações de modo a melhor compreendê-las.

Figura 9: Escadaria e entorno em 1930



Nota: Destacados o mirante e as ruas 13 de Maio e dos Ingleses.
Fonte: SARA Brasil, 1930. Destaques da autora.

Figura 10: Escadaria e entorno em 1954



Nota: Destacados o hospital e as novas construções no lote lateral da Escadaria.
Fonte: VASP Cruzeiro, 1954. Destaques da autora

passou a obstruir a vista do mirante, primeiro, em áreas mais distantes da rua, e, posteriormente, nas ruas próximas.

Mesmo a rua dos ingleses sofreu com as transformações das construções que ultrapassaram os limites permitidos, como muros elevados nas frentes dos lotes e pavimentos fora dos limites estabelecidos das edificações na rua, ultrapassando o nível térreo. Posteriormente, o mirante com seu largo expandido se transformou em um estacionamento aberto para atender aos novos usos da rua.

A partir do final da década de 1960 e início da década de 1970, o bairro do Bixiga passou por diversas obras viárias que tiveram um impacto significativo no seu tecido urbano. Essas intervenções foram motivadas pela localização estratégica do bairro, situado entre o centro da cidade e a Avenida Paulista. Essas obras desarticularam o tecido urbano, privilegiando a velocidade do automóvel em detrimento da escala do pedestre. O resultado foi uma segregação violenta das conexões e a criação de áreas residuais e espaços negligenciados sob os viadutos (Gianotto, 2020, p. 56).

Essas transformações tiveram um efeito profundo não apenas na morfologia do bairro, mas também nas relações sociais que ali existiam. A construção de novas ligações para a cidade por meio dessas intervenções cortou o bairro, tornando o deslocamento dos pedestres mais difícil. Essas mudanças contribuíram para a expulsão e evasão da população residente da área (Marreti, 2018, p.41).

A construção dos viadutos Leste-Oeste e Norte-sul no Bairro visava interligar a cidade de São Paulo, auxiliando na ligação do Paraíso com a avenida Paulista. No entanto, essas alterações não levaram em consideração como afetariam o bairro, cortado por esses viadutos, com abertura de rodovias no meio de um bairro com uma intensa vida cotidiana nas ruas.

Essas mudanças espaciais resultaram em uma alteração no perfil dos moradores e, por consequência, nos usos do solo. De acordo com Muniz, as alterações observadas contribuíram para a construção de uma imagem de “deterioração urbana” por parte da opinião pública. Além disso, essas mudanças podem ser relacionadas à saída de antigos moradores e à chegada de um fluxo migratório de nordestinos (Muniz, 2020, p.131). Muniz também destaca que, durante os anos 1970, essa nova configuração urbana e social foi contrária aos interesses do setor imobiliário e da municipalidade, que viam o bairro como uma área estratégica para investimentos. Nesse momento, foram propostos diferentes projetos para reabilitar o Bixiga e adequá-lo à “nova dinâmica metropolitana que se estabelecia desde meados do século XX” (Muniz, 2020, p.131). Duas intervenções principais são destacadas nos estudos sobre esse momento do bairro: o Parque da Grotta de 1974 e o Concurso Nacional de Ideias para a Renovação Urbana e Preservação do Bexiga de 1989 a 1990.

Especificamente nas áreas próximas a Escadaria foi realizada a construção do viaduto 13 de Maio, atualmente conhecido como viaduto Armando Puglisi, que teve como objetivo criar um eixo de ligação norte-sul através do bairro do Bixiga. No processo de construção do viaduto,

em 1968, as ruas Rui Barbosa e 13 de Maio foram alargadas, o que acabou dividindo a região e destruindo o traçado original do bairro. Uma das consequências dessas obras foi a separação da rua Fortaleza em duas partes, impossibilitando o deslocamento direto de pedestres. Além disso, vários sobrados tradicionais do bairro foram destruídos, incluindo o quarteirão entre as ruas 13 de Maio e Rui Barbosa. Em área remanescente dessas demolições, a praça Dom Orione foi construída (Vercelli, 2018, p.83). Essas mudanças viárias do bairro dificultaram as práticas existentes e resultaram na desapropriação de inúmeras famílias, além de destruir a arquitetura tradicional do Bixiga (Muniz, 2020, p. 82).

A região em frente à Escadaria, nas ruas Fortaleza, 13 de Maio e Rui Barbosa, foi diretamente afetada por essas intervenções, alterando significativamente aquele espaço antes tradicional do bairro. Como resultado dessas transformações, a Escadaria deixou de estar localizada em uma área com grande concentração residencial. Os deslocamentos a pé foram substituídos pelo aumento do tráfego de veículos externos ao bairro, transformando a região em um ponto de conexão com o restante da cidade. Com isso, houve uma redução na importância da Escadaria como espaço de conexão conforme foi originalmente concebida.

A construção da praça Dom Orione também alterou significativamente as relações da Escadaria com seu entorno. A praça oferece à região um espaço verde e amplo que, antes, não existia no bairro com seus usos públicos voltados majoritariamente para as calçadas. A praça construída quase em frente à Escadaria passa a compor o espaço público da escada. Assim, esses dois espaços permitem uma aglomeração maior de pessoas e tornam-se um centro no bairro para “grandes usos”, atraindo número maior de pessoas tanto do bairro, quanto visitantes.

A ESCADARIA NA CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DO BIXIGA ITALIANO

Com as modificações aceleradas no bairro surgiram preocupações em relação à especulação imobiliária e à verticalização, impulsionadas pelo receio de que as transformações urbanas e a pressão do mercado imobiliário pudessem comprometer a identidade e a estrutura social do bairro. Os descendentes italianos temiam que a presença de novos grupos sociais, como os nordestinos, e a saída dos moradores mais tradicionais pudessem representar ameaças à preservação da identidade italiana e das tradições do Bixiga (Marreti, 2018, p. 94). Dois personagens centrais são destacados na construção da memória popular italiana, segundo Armando Puglisi e Walter:

[...] dois agentes revelaram-se onipresentes e são quase sinônimos da participação popular: Armando Puglisi e Walter Taverna. A centralidade destes dois personagens os superpõem à própria noção de participação popular, colocando problemas e questões para esta categoria. Puglisi e Taverna são personagens conhecidos no Bexiga e evocados constantemente como porta-vozes do bairro e de suas tradições. Mais do que apenas representantes legítimos do Bexiga eles são verdadeiros criadores de muitas “imagens” comumente associadas ao bairro (Marreti, 2018, p.131).

O alto número de italianos concentrados no bairro do Bixiga, juntamente com a invisibilidade da presença negra na cidade, permitiu a construção de uma nova narrativa e memória no bairro. Essa reconstrução ocorreu por meio de uma colaboração entre o poder público e os comerciantes locais, especialmente as cantinas e padarias italianas, que desempenharam um papel fundamental na preservação e divulgação da cultura italiana na região (Muniz, 2020, p.41).

Diante das transformações observadas anteriormente, como a modificação do uso do solo na região e a expulsão da população, iniciou-se um processo de desconfiguração do Bixiga. Essas mudanças motivaram as ações empreendidas por esses dois personagens e a participação popular na construção da memória do Bixiga. Segundo a pesquisa de Thales Marreti, Puglisi e Taverna souberam "mobilizar memórias e narrativas" (Muniz, 2020, p.131). que contribuíram para a formação de um "imaginário social" do Bixiga como um bairro ainda fortemente influenciado pela cultura italiana, mesmo diante das mudanças sociais e demográficas ao longo do tempo (Muniz, 2020, p.131).

O autor relata que:

O esforço destes dois agentes, Armadinho e Walter Taverna, em preservarem e promoverem, novas e velhas características associadas à identidade da comunidade de imigrantes italianos no bairro constituiu-se a partir de uma complexa teia de intenções: preservar a memória de seus ancestrais e membros da comunidade, assim como promover o bairro para garantir uma grande visibilidade que poderia atrair tanto investimentos públicos como também visitantes e turistas para o comércio local (Muniz, 2020, p.142).

Nesse contexto, as ruas 13 de Maio e dos Ingleses, centrais para a relação da Escadaria com o espaço urbano do bairro, passam por um período de ressignificação associado a essa construção do bairro italiano e de seu potencial turístico. A rua 13 de Maio, especialmente na área mais próxima à avenida Paulista, se tornou o principal pólo de atração turística da região, devido à construção da memória italiana, associados, especialmente, às cantinas (Marreti, 2018, p. 140).

Já o Morro dos Ingleses, especialmente a rua dos Ingleses, diversifica seus usos para além de habitacional, com presença de museus, comércios e o teatro Ruth Escobar. Durante esse processo, como destacado por Schneck, o Morro dos Ingleses se distanciou tanto temporal quanto ideologicamente das intenções dos primeiros empreendedores.

A partir das iniciativas surgidas nos anos 1980, com o objetivo de preservar a Bela Vista, ocorreu uma ressignificação cultural do bairro. A ressignificação enfatizou o reconhecimento da importância da memória e identidade local, transformando o Morro dos Ingleses em uma extensão do bairro do Bixiga. O Museu Memória do Bixiga, criado por Armando Puglisi na Rua dos Ingleses, foi um reflexo deste "espírito de valorização da memória e identidade" (Shneck, 2019, p. 82).

Assim, a Escadaria passa a ser uma conexão importante entre essas duas áreas turísticas, uma área de cantinas italianas e uma área com museu e o teatro. A rua 13 de maio, nesse contexto, ganha visibilidade por ser a “rua das cantinas”, voltada para atrair um público externo ao bairro vinculado a uma crescente indústria do lazer na região (Scarlatto, 1988, p. 101). E a rua dos Ingleses começa a abrigar espaços culturais e de divulgação e preservação da história do Bixiga italiano. A rua nomeada a partir da abolição da escravatura considerando a grande presença de escravizados libertos e descendentes de escravizados, torna-se o centro deste bairro italiano, especialmente nas áreas mais próximas à avenida paulista, onde se encontra a Escadaria.

Essa construção da memória, especificamente na Escadaria e em seu entorno, foi possível ser entendida a partir de consultas de notícias de jornais. Para além das notícias, recorreu-se ao trabalho de Thales Marreti sobre o Concurso de Ideias para o Bexiga (1989-1992) para compreender os projetos propostos para aquele espaço em transformação.

As reportagens publicadas no jornal Folha de S. Paulo e no Jornal Estado de São Paulo mostravam a Escadaria como palco importante para a construção da memória do Bixiga italiano, colocando às vezes a escada como um monumento, uma bela arquitetura que poderia impulsionar o turismo na região ou como espaço a ser alterado e ressignificado para auxiliar na conexão do Morro dos Ingleses com a Treze de Maio. Mesmo que muitas notícias não mencionassem a Escadaria como um alvo de transformação ou de característica do bairro italiano ela aparecia como foto de destaque no jornal, quase que como um cenário desse movimento de construção da imagem do bairro.

Nesse período diversas entidades se organizaram para colocar o Bixiga como esse local a ser preservado. Dentre os personagens que participaram desses movimentos destacam-se Walter Taverna e Armando Puglisi.

Em 1981, foi inaugurado por Walter Taverna o Museu Memória do Bixiga, localizado na rua dos Ingleses, próximo a Escadaria, com o objetivo de divulgar a memória do bairro. Nesse mesmo ano, foram divulgadas notícias sobre um projeto elaborado por Taverna, para transformar a área das ruas 13 de maio, Manuel Dutra, São Vicente e Dr. Luís Barreto. Notícia publicada na Folha de S. Paulo aborda o projeto dessas ruas, como a implantação de um “recanto tipicamente napolitaliano” (Plano, 1981) na Bela Vista, incluindo uma proposta para melhorar a ligação entre a rua 13 de Maio e o Morro dos Ingleses.

O projeto, elaborado inicialmente por um grupo de comerciantes e moradores que integram a Sodepro — Sociedade de Defesa das Tradições e Progresso da Bela Vista — foi analisado preliminarmente pela Empresa Municipal de Urbanização, que acabou condicionando a idéia à rentabilidade que pode ser oferecida pelo estacionamento subterrâneo a ser construído sob praça Dom Orione. [...] “Independente” da Bela Vista, o Bexiga teria um calçadão na rua 13 de Maio, entre a Manuel Dutra e a praça Dom Orione, e mais um trecho pedestrializado na rua São Vicente, entre a 13 de Maio e a rua Dr Luís Barreto. O trânsito fluiria, de leste a oeste, pela rua Rui Barbosa já transformada em via de grande movimento e no sentido Sul-Norte, pela rua Major Diogo. Um sistema de escadas rolantes, a ser implantado ao lado do Teatro Ruth

Escobar, facilitaria a ligação entre a praça e o Morro dos Ingleses, onde se localiza o Hospital Infantil Menino Jesus (Centro, 2016).

Esta notícia publicada na década de 1980, evidencia a existência do propósito de transformar o Bixiga em um centro turístico italiano, para além de alterar completamente a Escadaria. O foco dessa intervenção era atrair a maior quantidade possível de turistas.

No bojo dos projetos que visam transformar a rua 13 de Maio em rua exclusiva de pedestre e construir um estacionamento na área, encontra-se, também, a proposta do Concurso das ideias do Bexiga. O "Concurso do Bexiga" foi uma iniciativa da Prefeitura Municipal de São Paulo que buscou promover intervenções urbanas no bairro do Bixiga. Segundo Marreti, o destaque do concurso foi a participação direta da população, uma iniciativa que valorizou a participação da comunidade e suas percepções e demandas, desde a definição dos requisitos até a escolha das intervenções vencedoras. Para Marreti, "essa abordagem buscou garantir que as ações urbanas no bairro fossem moldadas de acordo com as necessidades e aspirações da própria comunidade [...]" (Marreti, 2018, p.20).

Os projetos concorrentes deveriam atender a critérios como: preservação e valorização do patrimônio histórico, desenvolvimento do potencial do bairro, e seus espaços públicos e de lazer, compatibilização do adensamento urbano, criação de áreas verdes, melhoria na circulação viária e de pedestres, criação de estruturas de apoio às atividades locais, regulação do uso e ocupação do solo, manutenção da população estabelecida na área e viabilidade econômica (Marreti, 2018, p.36).

No caso dos projetos do concurso, especificamente na Escadaria, foi proposto construir, ao lado da Escadaria, na encosta do morro, um estacionamento, além de transformar a escada em palco para apresentações e, também, como arquibancada. Ao analisar este projeto, Marreti destaca que:

O projeto de intervenção da Rua 13 de Maio - elaborado pelos arquitetos Dalton de Luca, José Roberto P. Graciano e Ricardo Itsuo Ohtake - , propunha a pedestrealização de um trecho da via, entre a avenida Brigadeiro Luiz Antônio e a rua Manoel Dutra, a requalificação das calçadas, a criação de duas novas praças e um estacionamento subterrâneo para 400 veículos. Ainda era proposto a criação de passagens entre as ruas Rui Barbosa e 13 de Maio, utilizando-se os lotes vazios e estacionamentos, estas passagens funcionariam como pequenas praças e seriam ocupadas por mesas das cantinas adjacentes. As duas praças propostas seriam utilizadas também como um teatro ao ar livre, ao lado da escadaria da praça Don Orione, e cinema ao livre, localizada na esquina da 13 de Maio com a Manuel Dutra. A requalificação pretendida da 13 de Maio é caracterizada como favorecendo as atividades comerciais voltadas para frequentadores externos do bairro, habitantes das proximidades do bairro e turistas. Este objetivo é evidenciado no memorial do projeto (Marreti, 2018, p.47).

Essa mobilização da população na construção da memória do bairro e a preocupação com a preservação da região, que pudemos entender no contexto da construção da memória italiana e dos projetos de reurbanização do Bixiga, foram centrais para o início do processo de tombamento do bairro. O pedido para o tombamento partiu de iniciativa popular em 1990,

abrindo o processo para tombar o bairro da Bela Vista. A resolução no. 22/2002 considerou, para além do patrimônio edificado, a “população residente, cuja permanência é explicitamente citada como fundamental para a manutenção da identidade do bairro” (Resolução, 2002). A Escadaria é tombada como elemento estruturador do espaço urbano, destacando a sua relação com a morfologia da paisagem do bairro e seu valor ambiental.

AS FESTAS NA ESCADARIA

No movimento de proposição de novos olhares e novas festas para o bairro, a Escadaria emerge como um elemento recorrente, sendo considerada um importante símbolo do Bixiga.

Havia uma tentativa de modificar a percepção da Escadaria como um elemento esquecido, buscando atribuir novos usos a esse espaço. É fundamental destacar a participação ativa de Walter Taverna e Armando Puglisi na organização de festas e eventos, com o objetivo de atrair maior atenção para o bairro. Essas festividades mobilizaram um grande número de pessoas e garantiram que o bairro fosse reconhecido além de seus limites, como destacado por Taverna (Marreti, 2018, p140).

Dentro desse contexto, para além dos projetos já mencionados, foi possível identificar diferentes propostas para esse espaço, que são recorrentes até hoje. Em sua maioria, essas propostas visavam atrair um público externo ao bairro.

Durante a presente pesquisa, duas festas na Escadaria foram estudadas e observadas “in loco”: a Feira do Escadão, que posteriormente mudou para a Praça Dom Oriene e a Lavagem da Escadaria, ambas iniciadas em 1982 por iniciativa do MUMBI.

A Feira do Bixiga, que é realizada até os dias atuais, teve início em 1982, na Escadaria. Denominada Feira do Escadão começou como uma feira de trocas voltada para a população e com uma tentativa de dar visibilidade àquele espaço. A notícia do Estado de São Paulo aborda as características da feira e os objetivos dos organizadores de ocupar o espaço da Escadaria, considerado por eles um espaço “esquecido”:

Daqui pra frente, o ‘Escadão’ do Morro dos Ingleses terá, todos os domingos, a partir de amanhã, por iniciativa do Museu Memória do Bixiga, a ‘Feirinha do Bixiga’. A ideia antiga, porém inviabilizada ‘por ter sido inicialmente ambiciosa demais’, foi sendo reformulada até que pudesse ser posta em prática, inspirada em eventos italianos, semelhantes, ou mesmo franceses, acabou reduzida as proporções das disponibilidades e, conseqüentemente, de um acontecimento despretensioso. ‘Mas não abandonou a filosofia de ocupar um espaço esquecido, com atividades culturais, e continuar a luta pela preservação da memória do bairro’, comenta Armando Puglisi, um dos organizadores. A ‘Feirinha do Bixiga’ vai mostrar o trabalho de artistas plásticos, contará com escritores autografando seus mais recentes lançamentos, apresentará grupos de música e oferecerá uma série de atividades programadas para as crianças. A feira representa, na verdade, um prolongamento do próprio museu do Bixiga, inaugurado em abril do ano passado, numa iniciativa de Armando Puglisi, um dos maiores incentivadores de todos os movimentos do bairro (Domingo, 1982).

Em outra reportagem, intitulada “Bixiga quer ser mais italiano” é mencionada a intenção da iniciativa em movimentar o bairro e também em promover a “recomposição cultural do

ambiente italiano (sobretudo caladres), sua fixação e sua conservação” (Bixiga, 1982, p.28). Para alcançar tal objetivo, a reportagem relata que a feira contava com uma variedade de atividades culturais italianas como danças, teatros e corais (Figura 12).

Figura 12: Reportagem: Bixiga quer ser mais italiano



Fonte: Bixiga, 1982, p.28.

Posteriormente a feira foi transferida para a praça Dom Orione conforme ganhou mais visibilidade e foi se transformando em uma feira de antiguidades, ainda organizada pelo museu. A relação com a escada não se perde completamente quando a feira muda de local, pois associada a feira na Dom Orione são realizadas atividades na Escadaria, como leituras para público infantil, eventos musicais e em algumas ocasiões barracas que complementam a feira.

Desde então, a feira acontece regularmente e traz uma grande variedade de produtos, como revistas, livros, roupas, móveis, peças decorativas, bijuterias, brinquedos e prataria. Além disso, a Praça Dom Orione é reconhecida como o "berço do samba paulista", e apresentações musicais desse gênero frequentemente ocorrem simultaneamente à feira. O local também é rodeado por lojas de artesanato, bares e restaurantes "típicos" que contribuem para a atividade turística consolidada na região. A presença da feira, juntamente com as apresentações musicais e os estabelecimentos comerciais ao redor, incrementa a dinâmica turística do bairro e agrega valor ao espaço da praça. Essa atividade cultural e comercial cria um ambiente animado e atrativo para os visitantes, fortalecendo a identidade da praça como um espaço de encontro, comércio e expressão cultural (Gonçalves, 2016, p. 97).

A Lavagem da Escadaria, também de iniciativa do MUMBI junto à Sociedade Etilica Desportiva - Cães Vadios começou a ser executada no mês de janeiro de 1982 e a última menção a essa Lavagem realizada pelos Cães Vadios encontrada foi em 1988. A lavagem da Escadaria do Bixiga se baseia na Lavagem do Bonfim, e tem como objetivo “purificação e lazer” (Lavagem, 1986), sem relações religiosas. De acordo com Maria Célia Coimbra: “A lavagem é precedida por um cortejo de baianas, em desfile pelas ruas do bairro. Esses elementos da religiosidade afro-brasileira são aprovados pelos italianos, que integraram ao seu calendário festivo, como atração turística” (Coimbra, 2021, p.36). A autora ainda relata que os negros participavam da atividade devido ao convite dos cães vadios, destacando o protagonismo dessa sociedade no evento (Figura 13).

Figura 13: Lavagem do Bixiga realizada pela Sociedade Etilica Cães Vadios.



Fonte: COIMBRA, 2021, p. 36.

As reportagens identificadas abordam a relação desse evento com a lavagem do Bonfim, destacando a participação da população negra. Ainda assim, muitas reportagens colocam um contraponto entre o ato tradicional da cultura afrodescendente com a cultura italiana do bairro, como as reportagens intituladas “Festa Baiana no Bexiga” e “Bixiga é benzido na festa anual da lavagem”, respectivamente:

Festa de origens baianas, em bairro italiano, mas não importa. Pelo quinto ano consecutivo, a lavagem das escadarias da Praça Dom Orione, vai movimentar o Bixiga neste final de semana. As comemorações que também festejam os 433 anos de São Paulo começam hoje promovidas pela sociedade Etilico Desportiva Cães Vadius e pelo Museu do Bixiga com apoio da secretaria de Esportes e Turismo de São Paulo (Festa, 1987).

Durante algumas horas, o italianíssimo Bixiga ganhou ares africanos. [...] mulheres vestidas de branco enfeitaram as ruas, o povo balançou sob o ritmo marcado de um ponto de umbanda e correu para molhar a cabeça na água do Bonfim. [...] Inspirada na ‘Lavagem do Bonfim’, de Salvador, a cerimônia simbólica, destina-se a promover a paz. (Bixiga, 1984).

Cláudia Alexandre aborda a complexa dinâmica de tensões existentes no território entre os italianos e os negros, que, segundo ela, se manifesta na "constituição do popular Bexiga e na subsequente denominação do bairro como 'bairro afro-italiano'" (Alexandre, 2017, p. 151). A autora enfatiza a existência de uma relação de "ganhos e perdas", tema também explorado por Marreti, que descreve a abordagem dos italianos e seus descendentes em relação às pessoas negras como carregadas de contradições (Marreti, 2018, p. 145).

A população negra do Bixiga, assim como outros grupos, busca visibilidade e reconhecimento nesse território, lutando para afirmar sua identidade e presença. Esses grupos também se apropriam da Escadaria, contribuindo para a diversidade e pluralidade de experiências culturais que ocorrem nesse espaço.

A partir de 1988 foi identificada outra Lavagem da Escadaria executada pelo Bloco Afro Oriashé, no dia 1º de abril. O evento de 1988, organizado pelo grupo Oriashé, não pode ser considerado como uma continuação da iniciativa promovida pelo MUMBI, uma vez que possuíam práticas e objetivos diferentes. O bloco Oriashé tinha como protagonismo a população negra e buscava recuperar a cultura negra de Lavagem com a intenção de recontar a história e desmistificar a falsa ideia de abolição completa da escravidão, resgatando a voz e a perspectiva das pessoas negras e confrontando as narrativas historicamente dominantes.

Esta Lavagem foi realizada no dia 1º de abril, socialmente apelidado de "dia da mentira", para fazer alusão à mentira que foi a abolição. Em primeiro de abril de 1988, a primeira lavagem da Escadaria estendendo-se à rua 13 de maio, concebida pelo movimento, em razão dos mesmos motivos, como a "Rua da Mentira" (Castro, 2006, p.86). "Em primeiro de abril inventaram o 13 de Maio ai veio o Oriaxé lavar essa mentira. 13 de maio primeiro de abril, nessa historia negro nao caiu", dizia a música elaborada por ocasião da primeira Lavagem. Assim, a lavagem realizada pelo grupo Oriashé, com seu caráter político e simbólico, que inaugura esse ritual para a população negra e ressignifica a rua 13 de Maio e a Escadaria do Bixiga como espaços de luta, resistência e valorização da cultura afro-brasileira.

Desde 2006, a instituição Ilú Obá de Min tem dado continuidade a esse evento, reforçando sua importância como manifestação cultural associada à memória negra do território. A Lavagem além de destacar a simbologia de luta e resistência da população negra, fortalece a Escadaria como um espaço representativo para o movimento negro, inspirando novas práticas que reafirmam seu papel como local de resistência e valorização cultural (Figura 14).

Figura 14: Lavagem da Escadaria em 13 de maio de 2023



Fonte: Fotografia da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas realizadas na Escadaria do Bixiga são diversas e demonstram como a população local se apropria desse espaço e estabelece uma relação de afinidade com ele. A Escadaria, hoje, é utilizada para encontros de grupos, filmagens, ensaios e apresentações artísticas, além de sediar eventos variados, como a Festa de São Benedito das Flores, o Escadaria do Jazz e a Lavagem da Escadaria.

A Escadaria está inserida em um contexto marcado pela dualidade, característica do Bixiga como um todo. De um lado, os moradores antigos que lutam pela preservação de suas tradições e interesses; de outro, novos moradores, de origens e condições econômicas variadas, atraídos tanto pela tradição local quanto pela indústria de lazer e comércio. Essa dualidade também se reflete nos eventos ali realizados, que incluem iniciativas voltadas para a comunidade local e outras que buscam atrair visitantes, fomentando novos comércios no bairro.

Independentemente do evento, a Escadaria é um espaço central de sociabilidade, promovendo relações de identidade e pertencimento. Seu papel no convívio do bairro é essencial, atraindo tanto moradores quanto visitantes, e consolidando-se como um elemento vital na dinâmica urbana e cultural do Bixiga.

Refletir sobre o papel fundamental que a preservação do espaço edificado, incluindo o seu traçado viário, desempenha para a manutenção das práticas sociais e manifestações culturais, importantes para o fortalecimento da identidade e dos laços afetivos das pessoas

com o espaço, foi o objetivo central desse estudo. Quando esses elementos são preservados, a identidade entre o espaço e a população é mantida, possibilitando que os moradores continuem a exercer suas práticas sociais e culturais. A preservação do patrimônio intensifica a urbanidade ao manter os laços de afinidade existentes da população com os espaços que constroem em seu cotidiano.

Destacou-se, de modo mais específico, a importância de recuperar o contexto de ocupação, no caso, do bairro do Bixiga, apontando as transformações que nele ocorrem, para identificar os diferentes agentes presentes no território, que são causais das diferentes formas de expressões existentes nos espaços públicos da região.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Cláudia Regina. **Exu e Ogum no terreiro de samba**: um estudo sobre a religiosidade da escola de samba Vai-Vai. 2017. 166 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/20640>. Acesso em: 20 maio 2023.

BIXIGA quer ser mais italiano. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 18 de janeiro de 1982. Caderno Ilustrada, p. 28.

BIXIGA é benzido na festa anual da lavagem. **Folha de S. Paulo**, 30/01/1984. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=8667&anchor=4315593&origem=busca&originURL=&maxTouch=0&pd=9f46f71760c7bfe27847f9e1165679ff>.

CASTRO, Luiz Guilherme Rivera de; CALLIARI, Mauro; FREGONEZI, Bruna Beatriz Nascimento. Espaço público e eventos culturais – Achirópita e Vai-Vai. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 279-289.

CENTRO de Memória do Bixiga. **Walter Taverna na DÉCADA de 80**, cria o projeto do "Centro Turístico Italiano de São Paulo", para o Bixiga, 22/06/2016. Disponível em: <http://centrodememoriadobixiga.blogspot.com/2016/08/walter-taverna-na-decada-de-80-cria-o.html>. Acesso em: 17 out. 2022.

COIMBRA, Maria Célia Crepschi. **Nossa Senhora Achirópita no Bexiga**: uma festa religiosa do catolicismo popular na cidade de São Paulo. São Paulo, Dialética, 2021. Acesso em: 17 maio. 2023.

TORRE Giratória. **Correio Paulistano**. Edição 00362, 1917.

D'ELBOUX, Roseli Maria Martins; MOURA, de Maira. Ocupação inicial e loteamento. In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020.

DOMINGO de lazer e cultura no Bixiga. **O Estado de S. Paulo**. 30/01/1982. Acervo Estadão. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19960729-37539-spo-0074-sbn-z2-not/busca/13+Maio>. Acesso em: 8 abril. 2023.

FESTA Baiana no Bexiga. **O Estado de S. Paulo**. 24/01/1987. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19870124-34327-nac-0050-cd2-4-not/busca/Festa+origens>.

GEGRAN. **Mapa da Cidade de São Paulo**, década de 1970.

GIANOTTO, Joice Chimati. As grandes obras viárias e os projetos de reabilitação, In: **Bexiga em três tempos**. São Paulo, Romano Guerra, 2020, p. 55 - 69.

GONÇALVES, Camila Teixeira. **Intervenções contemporâneas no Bixiga: fissuras urbanas e insurgências**. 2016. Dissertação (Mestrado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Universidade de São Paulo, São Carlos, 2016. doi:10.11606/D.102.2016.tde-06072016-094834. Acesso em: 2023-03-17.

ILÚ OBÁ DE MIN. **Negras Vozes Podcast ep. 4** - 13 De Maio. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6-66Z-0BonY>. Acesso em: 29 maio 2023.

LANNA, Ana Duarte, Bixiga, modos de morar, modos de viver. In: **Domesticidade, gênero e cultura material**. São Paulo: CPC/USP. 2017, p.113 - 133.

LAVAGEM do Bixiga. **O Estado de S. Paulo**, 07/03/1986. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19860307-34054-nac-0009-999-9-not>.

MARRETI, Thales. **O concurso de ideias para o Bexiga (1989-1992):** considerações sobre as relações entre patrimônio cultural, planejamento urbano e participação democrática. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-11092018-114236/>. Acesso em: 15 dez. 2022.

MUNIZ, Cláudia Andreoli. **Os cortiços no patrimônio:** projetos, estratégias e limites nas práticas do Departamento do Patrimônio Histórico na Bela Vista, em São Paulo, nos anos 1980. 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-27032021-205357/publico/MEClaudiaAndreoliMuniz_rev.pdf. Acesso em: 16 mar. 2023.

PLANO visa criar recanto napolitano na Bela Vista. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06/01/1981.

PROCESSO Administrativo n. 1990-0.004.514-2. Tombamento do Bairro da Bela Vista. São Paulo. Prefeitura Municipal de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. Departamento de Patrimônio Histórico. **CONPRESP**, 1990.

RESOLUÇÃO de Tombamento 22/CONPRESP/2002 - Bela Vista - **Resolução nº 22 de 2002**. Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo. CONPRESP. Prefeitura do Município de São Paulo Secretaria Municipal de Cultura Departamento do Patrimônio Histórico). Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/49c99_22_T_Bairro_da_Bela_Vista.pdf. Acesso em: 12 mar. 2023.

SARA Brasil. **Mapa da Cidade de São Paulo**, 1930.

SÃO PAULO (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processos n. 35.196, de 09/10/ 1911; e 37.073, de 10/11/1911**. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

SÃO PAULO (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 11.665**, 1927. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

SÃO PAULO (SP). Acervo Arquivo Histórico Municipal - AHM, **Processo n. 39.459**, 1928. Prefeitura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura.

SÃO PAULO (SP). Lei nº 2432, de 13 de setembro de 1921. **Regula as construções com frente para a rua dos ingleses, no trecho compreendido entre as ruas c e dos franceses**, São Paulo, 1921.

SCARLATO, Francisco Capuano. **O real e o imaginário no Bexiga**: autofagia e renovação urbana no Bairro. 1988. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989. doi:10.11606/T.8.1989.tde-25102021-132418. Acesso em: 2023-06-19.

SCHNECK, Sheila. **Formação do bairro do Bexiga em São Paulo**: loteadores, proprietários, construtores, tipologias edilícias e usuários (1881-1913), São Paulo. 2010.

SCHNECK, Sheila. **Morro dos Ingleses** (série: História dos Bairros de São Paulo Vol. 34), Arquivo Histórico Municipal, São Paulo. 2019.

VASP Cruzeiro. **Mapa da Cidade de São Paulo**, 1954.

VERCELLI, Giulia. **Reinventar para Preservar**: O histórico bairro do “Bexiga” na contemporaneidade. (Mestrado em Arquitetura, Tecnologia e Cidade) - Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.